

## ESPECULAÇÕES FEMINISTAS

Ana Paula Lemes de Souza<sup>1</sup>

### OUTROS FEMINISMOS

Esse ensaio parte da filosofia crítica, chamada por Viveiros de Castro (2017, p. 47) de “golpe palaciano”, pois, quando o cientificismo de Copérnico tira a humanidade do centro, a filosofia transcendental de Immanuel Kant a reintroduz, através do seu representante semiempírico, o Homem, notadamente, o branco e heterossexual, corporificação do lógos ocidental, para falar como Donna Haraway (2009, p. 83).

A filosofia de Kant marcou-se por esse traço: a reinauguração do Homem como o representante da Cultura, que exerce o seu domínio na Natureza, através de máquinas de produção cultural. As diferenças sexuais são essencializadas, assim como há a essencialização da natureza, apontada como causa da “fraqueza natural” das mulheres, a fim de se “preservar a espécie” (Kant, 2000), argumento que remonta a Aristóteles<sup>2</sup>, para quem as fêmeas são “machos mutilados” (Louis, 2002).

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Direito (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Professora do Centro Universitário do Sul de Minas. <http://lattes.cnpq.br/3219750773136952>. <https://orcid.org/0000-0002-7746-8168>. [ana.souza@professor.unis.edu.br](mailto:ana.souza@professor.unis.edu.br). Endereço para correspondência: Avenida Clóvis de Andrade Ribeiro, 202, Centro, Cambuquira, MG, Brasil. CEP: 37420-000. Telefone: Não informado.

<sup>2</sup> Aristóteles, Geração dos Animais, 737 a 827-828.



A filosofia kantiana e seus herdeiros são marcados por outras essencializações, partindo do paradigma do homem branco e heterossexual. Se, antes de Kant, a mulher estava enclausurada como imperfeita e, em Kant, ela se essencializava como natureza, pós-Kant, ser mulher ainda se essencializa, só que agora como correlato. No correlacionismo, “ser mulher” ainda se encontra em clausura metafísica, mesmo nos feminismos mais contemporâneos, herdeiros de Kant, funcionando como releituras da diferenciação entre natureza e cultura, pois as passagens de uns estágios a outros não se deram por meras supressões ou abandonos, mas por mútuos arranjos, séries de domesticações mais ou menos sutis, empréstimos e termos de convivência.

O recorte temporal analisado pelo trabalho se dará em dois momentos: primeiro, na dogmática metafísica pré-Kant, e, após, com a metafísica do correlato, típica do paradigma antropocêntrico, problematizado por vários autores contemporâneos como Latour (1991), Stengers (2005), Donna Haraway (2008), Viveiros de Castro (2018), Stelio Marras (2018), Quentin Meillassoux (2014, 2015), Brassier (2007), dentre outros.

Nesse artigo, a oxigenação será buscada a partir do movimento filosófico denominado realismo especulativo, na vertente de Quentin Meillassoux (2014, 2015), escolha metodológica que coloca em discussão o “correlacionismo” pós-Kant, apresentado como o “estado da arte” da filosofia, mas que pressupõe a reciprocidade correlacional entre ser e pensamento, pois, nesse viés, “ser” só pode “ser” se for correlato.

Com a intrusão de Gaia e a catástrofe antropocêntrica, tornam-se inseparáveis ciência e política. A relação entre ser e pensamento – argumento de base de todo correlacionismo – também é colocada em aporia, pois a catástrofe da correlação se dá de forma subjetiva e objetiva: o pensamento humano efetivamente pode ser materializado como desconstrução correlata do mundo que, no colapso antropocêntrico, mostra o poder efetivo do desmoronamento. Esse cenário

inaugura nos estudos sobre sexualidade e gênero o que tem sido nomeado como “pós-feminismo” (Macedo, 2006), anunciado o colapso sistemático do signo de homem, após a descoberta da não inocência da categoria mulher, a murros e pontapés, para falar como Donna Haraway (2009, p. 52).

Se em toda construção social ocidental está também um produto sexual radical, aquilo que Stengers (2002, p. 20) vai chamar de tecnociência, partimos da seguinte questão: frente à intrusão de Gaia e à separação entre ser e pensamento, como pensar o “ser mulher” no realismo especulativo de Quentin Meillassoux?

Para respondê-la, pretende-se: a) analisar a questão da mulher na filosofia pré-crítica e pós-crítica, notadamente, o seu impacto na teoria feminista; b) investigar discursivamente as possibilidades pós-correlacionistas do feminismo especulativo; c) especular a *cosmologia* feminista e suas implicações teórico-metodológicas.

A pesquisa tem como objetivo especular feminismos nas veredas pós-correlacionistas, de forma a encontrar, em termos *epistemológicos*,<sup>3</sup> a sua possibilidade pós-virada especulativa, orientada pelo método materialista especulativo de Quentin Meillassoux.

## “SER MULHER” NAS VEREDAS CORRELACIONISTAS

Conforme aponta Lemes de Souza (2018, p. 87), é possível encontrar, ainda hoje, as ideias objetivistas que nortearam a essencialização do “ser mulher”, em especial, na mentalidade das ciências modernas positivistas, que compreenderam a feminilidade como decorrente da ordem antiepistêmica naturalista, pois, nesse campo de saber, houve a apropriação da biologia vitalista

---

<sup>3</sup> Neologismo da autora, empreendido pelos caminhos que se fazem possíveis *entre* a epistemologia e a ontologia: nem só epistemologia e nem só ontologia.

do Século XIX, que, através do “princípio de vida”, incorporou questões da subjetividade na conceituação da natureza. A ciência positivista do paradigma moderno parte do conceito da natureza como matéria de base para a produção do conhecimento humano, que corporificou o lógos ocidental no homem, para falar, novamente como Donna Haraway (2009, p. 83), em particular no falo, que lhe deu a autorização da fala (Lemes de Souza, 2018, p. 28-68).

De outro lado, nos feminismos mais contemporâneos, observa-se a ruptura com essa postura, através da presença da “construção mulher”, não mais como matéria objetiva ou natureza, mas do outro lado do signo, como cultura, compreendida na ordem epistêmica, por processos construtivos sociais, postura dominante no pós-estruturalismo, a exemplo de Judith Butler (2015, p. 11), para quem o sexo é construído pela linguagem.

Marcadamente, existem duas posturas dominantes: uma remete à ideia de ciência e biologia para operar a “naturalização” do sexo, enquanto, na outra, observa-se a “aculturação” do sexo, explicada por processos sócio-histórico-culturais. Variantes entre as duas posturas existem, como a abordagem biopsicossocial, trazida em Lemes de Souza (2018), mas as “amarrações metafísicas” se fazem presentes como outros absolutos. No primeiro enfoque, típico da “metafísica dogmática”, o absoluto é a natureza, enquanto no segundo, na “metafísica do correlato”, o absoluto é a cultura, que responde pelo signo correlato, que pode variar conforme o referencial teórico, sendo os mais comuns nas teorias feministas o poder, a linguagem, o capital, os sistemas e a comunicação.

Em ambos os feminismos, observa-se a criação de “verdades”, seja a verdade “científica”, que faz da unidade “natureza” a metafísica, seja a verdade “correlacional” do paradigma antropocêntrico, que faz da multiplicidade “cultura” o signo metafísico. Em todos os dois, tem-se o “homem”, uma vez como natureza, sob o absoluto da voz das ciências “duras”, e, na outra, como cultura,

sob o absoluto da linguagem, que, nas vertentes mais radicais do correlacionismo, é capaz até mesmo de criar todas as diferenças, como em Heidegger (2003, p. 126), para quem o Ser é conferido à Coisa através da linguagem, havendo nítida correlação entre Ser e Linguagem.

Atribuímos como marco divisório principal desses dois pensamentos a filosofia transcendental de Immanuel Kant, por isso, quando falamos em metafísica dogmática, referimo-nos ao período pré-Kant, enquanto, ao falar de metafísica do correlato, apontamos o período pós-Kant.

Esse trabalho não pretende analisar a questão da mulher em Kant, adotada como marco zero na produção dos feminismos correlacionistas, mas sim investigar, mais marcadamente, o período pós-Kant, em que se absolutiza o correlato. Embora múltiplos pensadores possam ser enquadrados como “herdeiros” de Kant, o objetivo é traçar os recortes mais notáveis, que possam identificar os correlatos mais comuns, que foram absolutizados pela teoria feminista.

A pesquisa se orienta por pensar nas construções teóricas e aplicações práticas do feminismo através de dois marcos políticos, que Bruno Latour (2004, p. 12) chamou de “retas” da sociologia do social, de Émile Durkheim, em oposição à sociologia da tradução, de Gabriel Tarde (1999), regime de enunciação mais curvilíneo, que emancipa o político da fala da dominação, este último tomado com um dos nortes desse ensaio.

Diante disso, a oxigenação buscada no artigo se dará nas “veredas pós-correlacionistas”, brincando com os jardins literários de Borges (2005), em que o governador Ts'ui Pên se isola para compor um livro e um labirinto, que, embora pensassem se tratar de duas obras, trata-se do mesmo objeto. Todos os feminismos em análise são igualmente aceitáveis, pois são recortes possíveis que se proliferam e bifurcam.

Da mesma forma como no conto, em que todos os desfechos ocorrem e cada um é o ponto de partida para os demais, trabalhamos com a ideia dos silêncios. Se, em Borges (2005), “omitir sempre uma palavra, recorrer a metáforas ineptas e a perífrases evidentes, é talvez o modo mais enfático de indicá-la”, propomos a análise dos “silêncios”, na postura correlacionista, que se afirma nos “silêncios” da metafísica como se “ametafísica” fosse – embora se utilize de outra metafísica, a do correlato; afinal, se no período pré-crítico a absolutização foi da substância, na filosofia pós-crítica a absolutização foi da correlação.

Haverá a oxigenação através do feminismo pós-correlacional, nem kantiano e nem platônico, nem natureza e nem cultura, nem epistemologia e nem ontologia, mas sim pela *cosmontologia*,<sup>4</sup> forma híbrida que não abriga as ambições de ser nem melhor e nem pior, mas apenas diferente, que reontologiza as ciências pelo reconhecimento de outros modos de existência, pela liberação do “ser mulher”, que não se substitui por outras verdades.

Aliás, é essa humildade teórica que propomos nos pós-correlacionismos, pois, para falar com o poeta Manoel de Barros (1997), para chegar ao nada, deve-se descobrir a verdade, retirá-la a veste. Com a decomposição dos sentidos, resta apenas o real como contingência. A verdade pós-correlacional despida é a realidade como teoria do ser, em mundos nos quais uns enredos acontecem e em outros nos quais não, estruturas de sentido que se formam em tensões contínuas entre ausências e presenças, formas de legalidade de objetos e regimes de sentido, que produzem verdades e formulações de realidades, como a vagina e o útero, por exemplo, que, em uma vertente, são dados a falar através das “ciências”, enquanto na outra se fazem falar pelas vozes múltiplas da linguagem, que os ficionam (ou, ainda, friccionam) em redes heterogênicas de sentidos.

Pré-Kant, havia a clausura metafísica do dogmatismo idealista, que pensava na entificação absoluta do ser, não apenas no sentido do Ente Absoluto primeiro

---

<sup>4</sup> Neologismo da autora.

como Deus perfeito, mas, igualmente, de que toda necessidade seria convertida a absolutos derivados, para falar como Meillassoux (2015, p. 59-60). Na questão da mulher, com a absolutização de Deus, o patriarcado ocidental colocou o homem como aquele que tinha a sua imagem e semelhança, e a mulher como distante dessa imagem, imperfeita, um “macho mutilado”, imaginário presente no *one sex model* (teoria do sexo único) da anatomia sexual, que se refere ao período da teoria da biologia para o qual havia apenas um sexo, o masculino, ocorrendo a absolutização da mulher ligada à imperfeição e debilidade (Lemes de Souza, 2018, p. 57 e 171).

Na metafísica dogmática pré-Kant, perante o regime da necessidade absoluta, ser mulher era absoluto, algo determinado que deveria ser sempre e absolutamente como era. Se a mulher era conectada, frente à teoria do sexo único, à pura debilidade, como o “homem ao avesso”, a absolutização da mulher se deu como imperfeita. Meillassoux (2015, p. 60) nomeia esse regime ontológico de necessidade real, presente em toda metafísica que se pretenda dogmática. A sustentação de que qualquer coisa determinada deve ser e continuar sendo absolutamente como tal, deriva do princípio da razão, que, embora concebido por Leibniz, foi colocado em prática por Immanuel Kant, que é a concepção filosófica de que tudo tem uma razão necessária de ser assim mais do que de outra maneira.

Na Grécia antiga, *physis* ou natureza se referia à faceta incognoscível da realidade, origem absoluta de todas as coisas, para a qual todas irão retornar, o que, na metafísica, ligava-se à “essência” do plano da realidade, determinado e estável, ideia retomada por René Descartes durante a Renascença, que reformulou a concepção de lei para abrigá-la no conceito de natureza, que, de maneira conjuntiva, reinaugura o absoluto como entificação necessária.

Pré-Kant, de acordo com Meillassoux (2015, p. 55), houve a absolutização de Deus como o primeiro absoluto e, por consequência, a absolutização dos entes

ao sopro da “pura matemática”, chamados na metafísica dogmática de absolutos derivados. O gênero e o sexo foram ideologizados com respeito a essa lógica, existindo o “ser mulher” que deveria ser e continuar sendo absolutamente, incondicionalmente e necessariamente como é, em respeito à lógica harmoniosa do princípio da razão e da prova ontológica.

Com Kant, houve ruptura com esse cenário, ao menos em parte, pois a sua filosofia teve como ponto de partida a crítica à prova ontológica cartesiana, através da demonstração de que uma situação social, apresentada como absoluta, na verdade é absolutamente contingente. Essa ruptura com a metafísica dogmática teve como cerne a demonstração da produção ilusória de necessidade nas “entificações”, pois “ser mulher” é apresentado como entidade absoluta na ontologia da diferença sexual. A partir de Kant, com base na crítica à dogmática metafísica, passou-se a compreender como gênero a projeção da ideologização das diferenças sexuais, a produção social ou cultural resultante da naturalização e essencialização do sexo, que antes era visto pertencente à ordem superior e pré-discursiva, falando como Lemes de Souza (2018, p. 75).

O sexo, sendo o resultado da demarcação simbólica promovida pelo patriarcado como ente absoluto derivado, gerou estabilidade pela matriz heterossexual, que fixou a oposição hierárquica homem/mulher, através da ideia de gênero, compreendido como repetição de gestos, atos e signos, em coerência ao absoluto cartesiano dogmático. Contudo, pós-Kant, em Butler (2015, p. 134 e 244), por exemplo, o gênero passa a ser entendido como a transformação promovida pela cultura da polissexualidade na heterossexualidade, o que levou feministas, como Saffioti (2004), a abandonarem o uso do conceito.

Em suma, na crítica kantiana e, mais notadamente, pós-kantiana, ataca-se a metafísica dogmática através do abandono do princípio da razão e da prova ontológica, pela demonstração de que nada tem a necessidade de continuar sendo de uma maneira em detrimento de outra, para falar como Meillassoux



(2015, p. 60). Deste modo, a epistemologia feminista, como primeiro impacto da filosofia crítica de Kant, chamado pelo realismo especulativo de “correlacionismo fraco”, demonstra que a mulher não deve ser absoluta, pois se trata de produção cultural/social, sendo a personalidade diferente da forma corporal e as distinções entre os sexos não pertencentes à natureza, mas, agora, à cultura: para falar como Beauvoir (1967; 1970), ninguém nasce mulher, torna-se. Ser mulher agora depende do correlato da cultura múltipla, não mais da unidade da “natureza morta”.

Algo que pode passar despercebido é que, ao sustentar a contradição lógica em Descartes como impossível, ao mesmo tempo em que incognoscível, o rechaço ao princípio da razão reconhece, simultaneamente, que ela é pensável, momento exato em que a filosofia crítica adquire duas proposições absolutistas, embora colocadas contra o absoluto, que são: a “coisa em si” não é contraditória, mas por certo existe uma “coisa em si”, já que, do contrário, não poderiam existir fenômenos sem que algo lhes desse causa, conforme assevera Meillassoux (2015, p. 58).

Ocorre que essa problemática se aprofunda no “correlacionismo forte”, notadamente na filosofia analítica e fenomenológica de Wittgenstein e Heidegger, na qual o “mundo” é decidível pela sintaxe lógica (Meillassoux, 2015, p. 73). Nesse viés, após a virada linguística, as diferenças entre os sexos passam a ser predominantemente entendidas como se fossem decididas pela estrutura social ou pela comunicação. Desse modo, na epistemologia feminista norteadas pelo correlacionismo forte, torna-se impossível pensar na existência fora da correlação mundo/referente, seja qual for esse referente, repetindo a essencialização. Assim, nos correlacionismos de cunho marcadamente “epistemológico”, apesar de se colocarem contra a ontologia, geram-se consequências ontológicas, porquanto se troque o enunciado metafísico do absoluto pelo enunciado de que, se o ente se faz perceptível ou decidível de tal

forma, essa é a sua condição mais profunda, geral ou original. “Ser” só pode “ser” um correlato, seja esse o poder ou a linguagem, outros nomes para a “cultura”.

Existem duas decisões correlacionais que impactam diretamente no caso, sendo a primeira delas o primado do correlato, que, ao contrário do realismo especulativo, não autoriza a separação entre ser e pensamento, ou seja, não pensa que seja possível “ser” fora do absoluto da correlação. A segunda decisão, a mais problemática de todas, é que se absolutiza a correlação, pois se entende como impotente a separação entre objetividade e subjetividade, valorizando a relação mútua. É o que acontece nas teorias feministas mais atuais do paradigma antropocêntrico, em que se absolutizou o correlato, notadamente, o poder, em Michel Foucault (1999) e Butler (2015).

A contradição está instaurada, porque, ao mesmo tempo em que a teoria feminista correlacionista se coloca contra o inimigo externo fácil, que é o realismo, ela incorpora em suas semânticas o inimigo interno mais indócil e difícil de ser combatido, o esquema subjetivista metafísico, pois, para falar como Meillassoux (2015, p. 68 e 71), transforma-se a “coisa em si” em pura facticidade.

Nessas veredas correlacionistas, a teoria feminista escorrega em novas absolutizações, porque substituem o absoluto cartesiano por outros correlatos. A disputa entre os feminismos retilíneos, para falar, novamente, com Bruno Latour (2004), se dá sobre quais os correlatos mais corretos ou mais sofisticados, que se tornam metafísica no lugar da metafísica dogmática, conforme podemos observar no quadro 1:

## Quadro 1

### *Quadro comparativo das teorias feministas correlacionais*

<b>Teorias feministas correlacionistas</b>	<b>Correlato adotado</b>
Alexandra Kollontai (1977) e em Heleieth Saffioti (2013)	Luta de classes
Simone de Beauvoir (1967; 1970)	Existência
Carole Pateman (1993)	Contratualismo opressor sexual
Bell Hooks (2000)	Opressão interseccional de gênero, raça e classe
Nancy Fraser (1997)	Capitalismo globalizante
Judith Butler (2015) e Michel Foucault (1998; 1999; 2005)	Poder
Jacques Derrida (1992; 2005; 2013A; 2013B; 2014)	Falocentrismo

Fonte: Elaborado pela autora.

O feminismo inspirado pelo correlacionismo capta as bordas e permite a sustentação de ideias despidas de logicidade, como acontece no *Bestiário*, conto de Julio Cortázar (1986), no qual a família Funes deve conviver, na mesma casa, com um feroz tigre. A maneira de evitar o contato é meramente evitar os cômodos onde ele está, pela observação de seus movimentos. Um pequeno erro de cálculo faz com que o tigre mate Nenê, personagem da narrativa. Coisa parecida acontece com o correlacionismo, pois, ao evitar os cômodos já ocupados pelo tigre – que é filosofia pré-crítica – apenas evita o encontro. O correlacionismo forte, ao absolutizar o correlato, alimenta a fera, experimentando a invasão indireta e mais diligente, pois contribui para o fortalecimento do discurso fundamentalista.

Os correlacionistas são acusados de promoverem nova ideologização, pois, ao criticarem na filosofia pré-Kant – na metafísica dogmática – a ideologização dos sexos, promovem nova ideologização, a do absoluto do correlato. Por isso, Meillassoux (2015, p. 78, 84 e 85) sugere que o aumento do fundamentalismo não se trata de um acaso da filosofia, mas do efeito próprio do discurso correlacional, que alimenta constantemente o tigre dos Funes, pois, ao tentar fazer desaparecer o absoluto metafísico pré-Kant, não desfaz o absoluto mesmo, pois propicia o retorno do religioso pelo argumento renovado de crença cega, oferecendo o correlato como o único modo de se chegar ao absoluto.

O correlacionismo se priva de críticas à irracionalidade mesma e, enquanto rebaixa a absolutização da mulher como imperfeita, apresenta novos correlatos absolutos para a produção de diferenças entre os sexos, alimentando o tigre dos Funes. Um pequeno erro nessa sistemática dos cômodos pode devorar Nenê, o feminismo correlacionista, subitamente devorado pela filosofia pré-crítica.

### **“SER MULHER” NAS VEREDAS PÓS-CORRELACIONISTAS**

O correlacionismo caminha de forma tão determinada e violenta sobre a verdade do correlato que, segundo Meillassoux (2014, p. 10), todo aquele que busque pensar o fora do pensamento é taxado de ingênuo ou pueril. No paradigma correlacionista pós-Kant, o absoluto do correlato torna-se a medida de todas as coisas, ele pode se fantasiar de instituições, linguagem, dispositivos de poder, sistemas ou outro nome. Ao evitar os cômodos do essencialismo metafísico socrático, criam-se outros “essenciais”, pois se elegem as decisões de sentido como o absoluto, negando o real, para falar com Badiou e Cassin (2013, p. 15), assumindo a paradoxal assertiva da verdade do correlato.

Tal cenário foi problematizado pelos pós-correlacionistas, que retomaram a ontologia na filosofia, que tinha sido completamente abandonada. Tais “novos realismos” ou “viradas ontológicas” aceitam que a linguagem possa marcar o lugar de estruturação do real, mas sem torná-la absoluta. Além do realismo especulativo – tomado como norte desse trabalho – cita-se o realismo crítico de Roy Bhaskar (1975) e, especificamente na antropologia, conforme leciona Stelio Marras (2018, p. 258), fazem-se presentes as contribuições das abordagens de rede sociotécnica dos *science studies*, as etnografias multiespécies, o cognitivismo distribuído e a antropologia da percepção, que passam a pensar na “desantropocentralização” da antropologia, notadamente, repensando as relações entre humanos e não humanos. Após a intrusão de Gaia, com a “desnaturalização” de conceitos como “natureza”, “cultura”, “sociedade”, “natureza”, “razão”, “verdade”, dentre outros (que objetivaram e permitiram a

percepção da unidade da natureza como o "Grande Fora", exterior ao humano), torna-se possível repensar a relação de dominância e destruição em nome da vida dita "social".

A cosmogonia cristã ocidental menciona: "Multiplica-vos, preenchei a Terra e submetei-a, dominai os peixes do mar, as aves dos céus e todo ser vivo que se mova sobre a Terra!" (1:28). Poderíamos acrescentar: "e dominai as mulheres", pois, como aponta Lemes de Souza (2018), a cosmogonia ocidental cristã tem como sistema de base o controle da sexualidade da mulher, berço da sociedade pastoril europeia, posteriormente convertida em patriarcal, através de mudanças intergeracionais. Ocorre que, além desse sistema de sentido "humano" e "não humano", mesmo entre os humanos inaugurou-se outra oposição hierárquica, desta vez, entre "homens" e "mulheres".

Viveiros de Castro (2018, p. 94) sugeriu o colapso entre epistemologia (linguagem) e ontologia (mundo), com a emergência da ontologia prática. Isso indica o rompimento com as oposições hierárquicas humano/não humano e homem/mulher, dentre outros, ressignificados através da ontologia prática, que autoriza o aparecimento de outras grafias e modos de existência que não eram possíveis de serem vistos perante a totalização anterior.

Em Meillassoux (2015, p. 30), que fornece a referência metodológica para o trabalho, existem dois lados, sendo o primeiro o argumento puramente epistemológico, com a contestação da absolutização correlacional e da crença na potência constitutiva da relação mútua, sendo possibilitado, em segundo momento, o questionamento das implicações prático-discursivas, pois mesmo as separações entre "ciência" e "política" passam a ser contestadas.

Pelo realismo especulativo, podemos compreender dois recortes de formação de sentido, que são as formações "endógena" e "exógena". "Ser mulher", nesse esquema, foi totalizado primeiro de forma endógena, como "ser metafísico" da

*physis* e, após, no sentido exógeno, método adotado, especialmente, pelos filósofos contemporâneos da diferença, ou, para falar como Meillassoux (2015), nos correlacionismos, quando o “ser mulher” só pode ser pensado pelo pensamento. No realismo especulativo, existe a possibilidade do “ser” fora do pensamento, desde que não se escorregue no retorno à naturalização metafísica grega.

É através da contestação da conexão íntima entre ser e pensamento, presente, por exemplo, em Heidegger (2003, p. 126) – perante o qual a linguagem confere o Ser à Coisa – que a virada especulativa parte, tendo como expoente de crítica Badiou (1996, p. 47), para quem a linguagem não é tão poderosa a ponto de criar a realidade, pois apenas assinala as diferenças. Se o movimento empreendido pelos correlacionistas é algo como uma “desconstrução”, o que o realismo especulativo tem empreendido é a “desconstrução da desconstrução”, pois, perante essa percepção, se o relativismo é o gêmeo univitelino da virada linguística, através dele se repete o movimento essencializador, pois torna as não verdades igualmente verdades.

Com base nessa crítica, o realismo especulativo combate tanto o dogmatismo ideológico cartesiano, quanto o fanatismo cético correlacionista, para falar como Meillassoux (2015, p. 85). Quanto ao tema objeto dessa pesquisa, pode-se dizer que, assim como o dogmatismo idealiza o gênero e o sexo, entificando o sujeito necessário, o correlacionismo forte absolutiza a diferença, convertendo-se em fanatismo. A tarefa empreendida pelo realismo especulativo é achar um pouco do absoluto, o suficiente, para afastar aqueles que se acreditam os depositários exclusivos do absoluto, o que ocorre com as duas correntes de pensamento.

Retomando o capítulo anterior, se pré-Kant, a mulher era essencializada como imperfeita, com a naturalização da diferença sexual sob o signo do absolutismo ingênuo, pós-Kant, com o correlacionismo, surge novo requisito ontológico: ser é ser um correlato (Meillassoux, 2015, p. 53), então, “ser mulher” só pode “ser” se

for correlativo ao poder, a exemplo dos correlacionistas Foucault (1999), para quem as identidades são moldadas através do dispositivo histórico da sexualidade ou, então, Luhmann (1988), para quem “ser mulher” só pode “ser” pela relação assimétrica inaugurada pela construção e fixação sistêmica de sentidos históricos, ou, ainda, Derrida (2005), para quem “ser mulher” só pode “ser” pelo erro de leitura que a dissimulou.

O realismo especulativo, partindo da crítica ao correlacionismo, não pode querer a reabsolutização do ente, como o “ser mulher”. Por isso, busca a necessidade absoluta que não retorne ao dogmatismo, à necessidade da entificação, conforme assevera Meillassoux (2015, p. 62-63), pois nem todo absoluto é dogmático e nem toda especulação realista é metafísica, sendo a tarefa do realismo o encontro do absoluto não metafísico (Meillassoux, 2015, p. 88), através da especulação, já que, conforme Meillassoux (2015, p. 36) existe a realidade em termos de propriedades primárias independentemente do observador<sup>5</sup>.

No tocante às implicações prático-discursivas, parece apropriado sugerir a humildade teórica inaugurada pela proposta, pois o realismo especulativo permite a compreensão de que todo modelo de realidade depende de uma imagem ou de uma teoria, para falar como Hawking e Mlodinow (2011), podendo-se falar em realidades dependentes dos modelos matemáticos que, enquanto sistema

---

<sup>5</sup> A título de informação, não desconhecemos a crítica direcionada por Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro (2014, p. 49-57) a Meillassoux. Das vertentes de críticas principais, as que concordamos, são as de que o autor promove: a) o enquadramento e a incriminação dos “hiperfísicos” como filosofias de caráter espiritualista, vitalista ou panpsiquista, pois nomeia como “hiperfísica” aquelas teorias que postulam uma realidade outra que a investigada pela ciência, incluindo nesse escopo Leibniz, James, Whitehead, Bergson e Deleuze, repetindo, de certa forma, a “naturalização”, só que desta vez da ciência; b) acaba promovendo a “bifurcação da natureza” em “propriedades primárias” e “propriedades secundárias”, já denunciada por Whitehead e lembrada por outros “hiperfísicos” (para falar no modo pejorativo de Meillassoux) como Latour e Shaviri; c) o pensamento na dimensão ôntica de fenômeno interior ao mundo, condição da própria antropologia, não parece interessar ao autor. Discordamos, contudo, da crítica ao elemento tanatológico, de que, em Meillassoux, repete-se frequentemente o argumento de “matéria morta” dos cosmos, o que reintroduziria o excepcionalismo humano que se tratava de eliminar, pois não vemos esse sentido em Meillassoux, sequer a repetição, parecendo tal crítica fazer maior eco na obra de Brassier (1975). Contudo, nesse trabalho, não se deseja “absolutizar” Meillassoux, pelo contrário, tais críticas enriquecem a perspectiva, tratando-se de ato de humildade teórica. O intuito se trata, de fato, de interrogar as possibilidades teóricas e políticas do feminismo especulativo no realismo materialista de Meillassoux.

simbólico, lembrando Kurt Gödel (1992), é sempre incompleto. Assim, se o observador e o observado são partes da realidade objetiva, sendo que tais realidades passem pelas estruturas interpretativas do observador, a realidade se dá por diferentes perspectivas. Não se pode provocar a absolutização do correlato, pois todos são possíveis, a depender do modelo adotado. Absolutizar o correlato – de braços dados com o relativismo – trata-se de paradoxo lógico, pois se nega o relativismo mesmo, ele se torna uma verdade, um absoluto.

A física quântica também exerce grande influência aos pós-correlacionismos, pois permitiu a reinterpretação das estruturas de sentido, restando demonstrada a impossibilidade de determinação certa, inclusive da ciência e da natureza. Nas experimentações quânticas, invocando Feynman, Hibbs e Styer (2010), o observador interage com o objeto observado, a observação no presente interfere no passado das partículas, e, seja qual for a observação do presente, o passado inobservado somente aparece como o espectro de possibilidades, não se podendo falar em único passado ou história, mas da soma de todas as possibilidades possíveis, cada qual com uma probabilidade própria, como no romance *borgiano* de Ts'ui Pên, no qual todos os caminhos se bifurcam, que serviu de inspiração ao título deste artigo.

Isso se torna ainda mais problemático, para falar como Hamlin (2008), se nos referimos aos casos de sistemas abertos das ciências humanas, regulados por múltiplas interações. Esse parece o caso das questões do sexo, podendo-se compreendê-lo como uma regularidade empírica, de prováveis indeterminações.

Outrossim, para invocar a fala de Danowski e Viveiros de Castro (2014, p. 56), com a intrusão de Gaia não só a correlação entre “ser” e “pensamento” se torna pueril, mas acontece a “catástrofe *objetivamente terrestre da correlação*”, pois o pensamento humano, enquanto máquina de enorme impacto planetário, “efetiva e destrutivamente *correlata o mundo*”, já que o pensamento realiza a destruição da Terra.



No realismo especulativo de Quentin Meillassoux (2015, p. 91), inspirado pela filosofia quântica, invoca-se como o absoluto realista a *irrazão* inerente pela qual a falta de razão é a propriedade última do ente, a propriedade ontológica absoluta e não a marca da finitude do saber – o que de fato acontece aos correlacionistas. A propriedade real da coisa é a facticidade, de ser sem razão e sem razão se tornar efetivamente outro, porquanto nada tenha razão de ser ou mesmo de seguir sendo assim mais do que de outra maneira – afinal, tudo pode colapsar, sejam astros, leis físicas ou leis lógicas.

Essas são as diferenças do correlacionismo antropocêntrico para o pós-correlacionismo de Meillassoux: enquanto para o primeiro “ser-todo-outro” é a marca do possível da ignorância, para o segundo, o “absoluto” é o possível real da possibilidade de todas as opções, como de muitas outras, pois se transforma o “ser-todo-outro” no signo do saber e não da ignorância, porque advém da possibilidade de não ser (Meillassoux, 2015, p. 96), assim como da ausência do ente e da separação das esferas da subjetividade e objetividade (ser e pensamento).

Afinal, se o próprio pensamento é aleatório, o único absoluto de ser mulher é não ter correlato absoluto. Quanto aos feminismos, ou estruturas de sentido que interpretam sexo, gênero e sexualidade, na ausência de única teoria correta, deve-se compreender que cada uma delas podem explicar alguns aspectos da realidade, sendo importante exercício de humildade teórica e política, pois o único absoluto é a irrazão, a impossibilidade absoluta do ente determinado e necessário, invocando, novamente, Meillassoux (2015, p. 101).

Em resumo, no pós-correlacionismo especulativo, o aniquilamento do “ser mulher” jamais pode ser pensado como sendo correlativo ao pensamento da aniquilação, mas sim como a possibilidade aberta da ausência do ente, tratando-se de diferença biológica contingente, que não tem necessidade de ser assim mais do que de outra maneira. No âmbito da teoria feminista, tratam-se de

estruturas interpretativas, construções e interpretações, não necessariamente melhores ou piores, mas apenas diferentes.

“Ser mulher”, de acordo com isso, abandona o princípio da razão suficiente, pois o absoluto externo que independe do observador é a aleatoriedade, a irrazão. Continua presente o princípio da não contradição, já que a realidade absoluta é a absoluta contingência das leis naturais, por conseguinte, a eventualidade e o acaso, a ausência de ordem em que nada é impossível, nem mesmo o impensável.

Essas são as possibilidades ontologicamente abertas nessa perspectiva, que geram reflexos epistemológicos, pois a realidade passa a ser vista como a forma possível entre multiversos ou regimes de sentido, dados a partir da experiência. Sendo variáveis, aplica-se o paradoxo de indeterminação de contingência das suas proposições, pois cada mundo possui seus próprios critérios de verificação e validade e, não se podendo pensar na sexualidade arquifóssil, aos menos se problematiza o programa correlacionista “antropocentrismo”, sendo urgente o divórcio do *copernicanismo* da ciência e o *ptolemaísmo* da filosofia, quaisquer as negações nas quais se apoiem (Meillassoux, 2015, p. 204). A ruptura matrimonial entre ambos abre novas possibilidades para o feminismo, que seja simultaneamente não correlacional, não promovendo nova ideologização do absoluto, mas que também não ofereça “absolutos substitutivos”.

Meillassoux (2015, p. 190) afirma que o “correlacionismo” da revolução copernicana kantiana funcionou como a contrarrevolução ptolemaica da filosofia, porque o homem é colocado no centro de novo (notadamente, o homem branco, heterossexual, cristão e europeu). Procede-se à renúncia da filosofia à revolução de Copérnico, ao modo não correlacional de saber da ciência, ao seu caráter eminentemente especulativo, pois, enquanto Copérnico traz o Sol no centro do sistema e a Terra na periferia, Kant retoma o humano para o centro do campo do conhecimento, enaltecendo o sujeito em detrimento do objeto.

Acrescente-se que, para Meillassoux (2015), o correlacionismo forte cria nova necessidade do ente, o que favorece o crescimento do discurso religioso fundamentalista, pois defende a possibilidade de que haja razão absoluta ou oculta. Em contrapartida, o pós-correlacionismo realista especulativo não naturaliza as diferenças sexuais e nem o correlato, posto estar ancorado na ausência da razão última, tornando-a nem pensável e nem impensável. Retomando a velha história do tigre dos Funes, essa é a única maneira de se livrar dele, evitando a volta da filosofia pré-crítica: um feminismo “desantropocentrizado”, que revise os estatutos atuais de natureza e cultura, enquanto permita à ciência matematizada a descrição do “em-si” (Meillassoux, 2015, p. 106).

### **FEMINISMO COMO NATUREZA OU COMO CULTURA?**

A teórica feminista Lemes de Souza (2018, p. 68-76) relata as conexões entre natureza e cultura, variantes nos discursos de sexo, gênero e sexualidade. A autora nos informa que, se de um lado a diferença entre natureza e cultura cria a ontologia do sexo, com a estabilização das categorizações sexuais como unidade da “natureza”, operação própria da semântica patriarcal, por outro lado, o binômio se repete, às avessas, na crítica feminista (Lemes De Souza, 2018, p. 68), notadamente naquelas que agora identificamos inseridas no paradigma correlacional. Essa é a ideia presente, por exemplo, em Beauvoir (1967; 1970), perante a qual ninguém nasce mulher (sexo), torna-se uma (gênero), pois a diferença sexo/gênero repete a diferenciação entre natureza/cultura, sendo o sexo o equivalente à natureza e o gênero o equivalente à cultura.

Importante mencionar que, na perspectiva antropológica, as cosmogonias narram a separação entre natureza e cultura, a passagem do passado pré-cosmológico para o presente cosmológico, estado do “ser” que se coloca em constante mudança, por diferentes virtualidades e potencialidades. No fluxo de interpenetrações, faz-se presente a diferenciação sociossexual entre homens e

mulheres, que, em várias concepções mitológicas, é contada através da passagem da natureza à cultura, binômio que funciona como sistema de purificação de diversas outras diferenciações hierárquicas. Quanto à cosmogonia teológica cristã, que perpassa pelas dimensões biopsicossociais da sexualidade, Lemes de Souza (2018) nos relata a passagem do homogêneo sistema de diferenças infinitas às finitas diferenças produzidas entre homens e mulheres, nos mitos de Adão e Eva e, ainda, nas suas variantes, aquilo que fica na esfera do não dito, como nos mitos de Lilith, que reinauguram sistemas de correlação entre feminilidade e masculinidade. No caso do ocidente, o sistema interpretativo entre natureza e cultura se entrecruza pela autoridade patriarcal “Deus”, que, além de estabelecer o sistema das diferenças quantificáveis nas binarizações dos espaços (“haverá guerra entre os sexos”; “o homem deve dominar a natureza, criando a cultura, enquanto a mulher será eternamente serva do seu desejo, gerando a vida” etc.), serve de bagagem à metafísica dogmática, que absolutiza a mulher como imperfeita, na ordem contrária do Deus perfeito, absoluto primeiro.

Como visto, o correlacionismo pós-Kant utiliza o mesmo mecanismo interpretativo: absoluto primeiro/absolutos derivados, como acontece, por exemplo, nas diferenças entre mundo/sistema em Luhmann (2006) e mundo/linguagem em Derrida (2013B). Nos correlacionismos, outros absolutos são substituídos ao “Deus perfeito”, “absoluto primeiro”, podendo ser citados, nos autores mencionados, a linguagem em Derrida e a comunicação em Luhmann, além das relações de poder em Michel Foucault (1999).

Enquanto a natureza (outro nome pode ser “ontologia”) marca a experiência transcendental, o não instituído, a cultura (outro nome pode ser “epistemologia”) marca a experiência discursiva, instituída. Do embaralhamento das duas, surgem as posturas que estiveram em discussão, sendo a primeira (metafísica dogmática pré-Kant) de tendência “naturalista” ou “essencialista”, pois assinala a unidade da “natureza” das coisas como o espaço antiepistêmico, expressão inanimada de

predicados e estados intraduzíveis que se orienta pela postura “objetivista” (conhecer = objetivar), enquanto na segunda postura (metafísica do correlato pós-Kant) de tendência “culturalista”, “construtivista” ou “relativista”, assinalada pela multiplicidade da cultura, espaço epistemológico e construtivo em que tudo se torna discurso, norte da postura subjetivista (conhecer = subjetivar).

Quanto ao correlacionismo forte, a quebra com a metafísica dogmática foi importante, pois foram problematizadas as diferenciações entre dentro/fora, falo/hímen, homem/mulher, cultura/natureza, mas ele alcançou o ponto do esgotamento, pois, ao consagrar a linguagem como absoluta, ainda se afirma no saber primeiro que inaugura o conhecimento.

Desse modo, no pós-correlacionismo, a investigação dos conceitos se dá na matriz *cosmopológica*, que não é nem a pura ontologia do giro metafísico grego, nem a pura epistemologia, pois não absolutiza realidades substitutas, por isso, sugerimos a matriz de investigação *epistemológica* dos híbridos, em que as singularidades potencialmente podem se tornar outras no devir.

Em aplicação do realismo crítico, Hamlin (2008), sugere o retorno ao realismo, que tem sido preterido pela confusão que se faz entre realismo e essencialismo e, ainda, que o sexo seja considerado uma “regularidade empírica”, um tipo de sistema aberto que se regula pelas interações conjuntas dos mecanismos sociais, psicológicos e culturais. Esse tipo de construção teórica se torna bastante interessante, porque, ao mesmo tempo em que se abandona a noção pré-kantiana de “essências”, essa não é substituída – como fazem os correlacionismos – por construção de identidades contingentes.

O realismo especulativo, apesar de movimento extremamente heterogêneo, compartilha da recusa da filosofia pós-crítica,<sup>6</sup> por esta ter promovido a desqualificação do objeto em si e por ter considerado a completa dependência das esferas da subjetividade e objetividade. Embora de cunho primeiramente epistemológico – com a problematização da relação diferença/diferente pós-Kant, típica do construtivismo forte – existem implicações ontológicas, pois se tornou possível delinear práticas e discursos fora da relação sujeito-objeto.

Caminhando pelas veredas (ou viradas) especulativas, torna-se possível novo fôlego às ciências humanas,<sup>7</sup> pela problematização da constatação “correlacionista” que gera, para falar como Cevolo (2016, p. 408), identidades pubescentes, ipseidades com centros desconexos e incoerentes.

Embora de fato o projeto político identitário construtivista não seja o objeto do realismo especulativo, a partir dele as diferenças sexuais e o “ser” mulher podem ser vistos como problemas inscritos na temporalidade típica da filosofia, pois primeiro se vivencia a ontologia dos sexos e a sua absolutização e, depois, a proscricção da ontologia com a absolutização do correlato, que varia a depender da perspectiva teórica adotada (mais comumente, no feminismo contemporâneo, as relações de poder, as estruturas sociais, a comunicação, a cultura e o capital). Desse modo, para fazer frente ao projeto “prático-discursivo” colocado em discussão é que se propõe a *cosmologia*, nitidamente composicionista: afinal, se o único absoluto é a absoluta contingência das leis naturais, os modos de existência e as vivências dos corpos (com suas múltiplas grafias, histórias etc.) podem coexistir.

---

<sup>6</sup> A nomenclatura do movimento filosófico se deu durante o evento *Speculative Realism Workshop*, que reuniu Iain Hamilton Grant, Graham Harman, Quentin Meillassoux e Ray Brassier na Universidade de Londres, em abril de 2007, no Goldsmiths College, reunidos pelo inimigo em comum: a filosofia pós-crítica (Brassier *et al.*, 2007, p. 307-450).

<sup>7</sup> Stephen Hawking e Leonard Mlodinow (2011) chegaram a afirmar que a filosofia atual está morta, por não ter acompanhado a evolução da ciência moderna, especialmente, da física.

Nessa nova perspectiva teórica, ao invés de fazer triunfar as considerações epistemológicas do banimento da ontologia, a partir da cisão do fenômeno e da “coisa em si”, a *cosmontologia* favorece a ascensão de outros modos de existência que não se faziam observar em seus múltiplos recortes, pois vem à tona o pensar que se entranha “dentro” dos mundos, perdendo-se todo o sentido falar em “identidade”, seja ela dogmática (ou essência) ou construída (ou projeto político correlacionista).

Fica a retomada da ideia de “gêneros” por outra forma: são eles compreendidos como postulados físicos e metafísicos que fornecem teias de significações em relação ao indivíduo (seja via “naturezas” ou “culturas”). Essa ordem cosmológica também se apresenta como epistemologia, aquela através da qual o mundo se faz conhecer, organiza-se e se totaliza, enquanto o corpo se determina como o microcosmo dessa ordem ontológica. Com Viveiros de Castro (2018), podemos ainda indagar o “ser mulher” pela forma perspectiva: ou a pluralidade da sexualidade como multinaturalismo ou a pluralidade das culturas sexuais como multiculturalismo.

Entende-se por ontologia a pluralidade de naturezas, o que descarta a diferença entre Natureza (ou ser/mundo) e Cultura (ou linguagem), pois a cultura é apenas uma concepção de certa ontologia, que, longe de ser teoria do ser (ou natureza ou mundo), trata-se das múltiplas formas pelas quais algo se determina como um ente.

A *cosmontologia* coloca a pensar aquilo que não se põe em dúvida ou se dispõe à crítica, o que só é possível sem segmentar um feminismo como melhor que o outro, pois se trata de prática de reconhecimento da finitude e humildade teórica. Outrossim, na retomada das ontologias, os projetos “identitários”, longe de afastarem a dimensão “identidade”, permitem que se interrogue a sua “pureza”, pensando de forma que não se fale em mera “dominância” masculina (retilínea), nem mera oposição hierárquica entre homem e mulher, igualmente retilínea, mas

matizando-a substantivamente, entendendo a relação entre os sexos (para falar em relações) como o modo de articular diferenças produzidas por agenciamentos particulares, inclusive os históricos (tão curvilíneos), que abrem as potências para os modos de existência que simplesmente não eram vistos no paradigma anterior (no correlacionismo). Em contrapartida ao correlacionismo, que desloca a contingência da realidade para o sujeito do conhecimento e cria novos absolutos, opõe-se a *epistemologia* feminista que pensa a “coisa em si” independente do fenômeno, abrindo espaço para nova temporalidade (já que as diferenças sexuais são contingenciais).

Para conversar uma vez mais com Hamlin (2008), abandona-se a epistemologia com consequências ontológicas (correlacionista) em nome da ontologia com consequências epistemológicas (pós-correlacionista), gerando conhecimento que pode dar voz aos marginais, o que, de uma perspectiva “reta”, não poderia ser observado.

Em suma, enquanto na metafísica dogmática pré-Kant ser mulher era ser absolutamente imperfeita, a partir de Kant, no correlacionismo, há mera substituição dos absolutos da mulher. O pós-correlacionismo (aqui em tela, o de Meillassoux) possibilita pensar o “ser mulher” como possibilidade empírica, sem causa e sem razão, paradoxal contingência, para além da correlação homem/mulher ou das correlações de gênero. Abre-se a existência de outras relações (curvilíneas) para além da existência do absoluto da correlação, já que as diferenças não param nunca de se diferenciarem.

A partir dessas grafias e modos de existência, incorporam-se conhecimentos implícitos, inarticulados, desarranjados, que normalmente seriam excluídos da “ciência social” a favor do monolítico e retilíneo “absoluto correlato”, pois é através das teias ínfimas dos modos de viver o corpo (suas relações, alianças etc.) que se mostram as riquezas analíticas da ontologia.



## DO CORPO À TERRA

No pós-correlacionismo de Quentin Meillassoux, “ser mulher” não é nem arquifóssil, pois não é possível reontologizar fundamentalmente os objetos, tampouco correlação (o regime dos correlatos), mas sim possibilidade empírica, contingência ao invés de necessidade (seja essa qual for), enquanto o sexo pode ser entendido como um tipo de “constância empírica”.

Meillassoux (2015) nos narra que, para cada acontecimento dado na experiência, concebem-se diferentes sucessões empíricas, contudo, se obtidos os mesmos efeitos, é que eles advêm das mesmas causas. É o que se empreende com Hume ou Kant na sustentação da necessidade das leis, pois agem como um jogador em frente a um dado falsificado, criando com isso a “necessidade oculta”, pois a necessidade nasce justamente como o dado que cai sempre do mesmo lado. O patriarcado como essência metafísica no ocidente (embora com suas próprias variações e diferenciações) pode funcionar como esse “falseamento” do dado, essencializando o sexo (como se houvesse uma razão oculta para assim ser mais do que de outra maneira, um regime de necessidade).

A naturalização (essencialização) da diferença (que, repetimos, nunca cessam de se diferenciar) serve como “razão oculta”. O mesmo se aplica ao correlacionismo, para os quais há uma “razão oculta”, sempre mais essencial (vamos nos lembrar da “linguagem”, do “poder”, da “cultura”, da “história”), sempre mais verdadeiro, sempre mais sofisticado...

Tanto o “patriarcado” (essência dogmática) como o correlato (metafísica correlacional) funcionam, no exemplo de Hume, ressignificado por Meillassoux (2015, p. 156), como a pelota de chumbo aninhada no dado, que faz com que os resultados sejam sempre iguais, gerando a falsa naturalização. Assim, naturaliza-se a essência e, a nível teórico, naturaliza-se o correlato.

Na perspectiva proposta, o gênero pode ser compreendido como regularidade empírica histórica, construção do pensar sobre o ser, a convexidade histórica dentre outros multiversos possíveis. Afinal, se nas veredas correlacionistas a mulher como totalização é impensável, no feminismo especulativo aponta-se como saída a “destotalização do possível” (dada como hipótese ontológica), que avança para a absolutização do transfinito. Com a intrusão de Gaia, outros conceitos se fazem surgir para repensar as diferenças, agora não mais como homem/mulher, mas talvez como corpo/terra, a começar pela destotalização de qualquer diferença, emergente e provisória. Afinal, nas veredas pós-correlacionistas, a mulher é temporalidade transfinita, possibilidade, destotalização, na abrangência de todas as possibilidades em séries infinitas de tempo, dentre tantas e tantas veredas.

## Quadro 2

### *Quadro comparativo da mulher nos paradigmas filosóficos*

Corrente	Período	Mulher	Resumo
Pré-Kant	Realismo (com R maiúsculo)	Mulher como essência: Antiepistêmico	Possibilidade e essencialismo do ser (natureza das coisas) e do pensamento
Correlacionismo fraco	Kant	Mulher como correlato: Epistêmico	Possibilidade do ser e pluralidade do pensamento ( <i>coisa em si</i> é incognoscível, embora pensável)
Correlacionismo forte	<i>Pós-Kant</i>	Mulher como correlato: Epistêmico	Impossibilidade do ser e pluralidade do pensamento ( <i>coisa em si</i> é impossível)
Correlacionismo ultraforte	<i>Différence</i> , Husserl, Wittgenstein e Heidegger	Mulher como correlato: Epistêmico	Impossibilidade do ser e pluralidade do pensamento ( <i>coisa em si</i> é impossível), com primazia da correlação. Pluralismo seletivo, porque absolutiza o correlato.
Pós-correlacionismo: Realismo especulativo	realismo (com r minúsculo)	<b>Temporalidade transfinita</b>	Possibilidade do ser e pluralidade do pensamento ( <i>coisa em si</i> é possível, especulável). Desabsolutização do ser e do pensamento.

Fonte: Elaborado pela autora.

## REFERÊNCIAS

Badiou, Alain (1996). *O ser e o evento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/UFRJ.

Badiou, Alain & Cassin, Barbara (2013). *Não há relação sexual: duas lições sobre “o aturdido” de Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.

Barros, Manoel (1997). *O livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record.

Borges, Jorge L. (2005). O jardim de veredas que se bifurcam. In Jorge L. Borges. *Ficções*. São Paulo: Companhia das Letras.

Beauvoir, Simone (1970). *O segundo sexo I: fatos e mitos* (4a ed). São Paulo: Difusão Europeia do Livro.

Beauvoir, Simone (1967). *O segundo sexo II: a experiência vivida* (2a ed). São Paulo: Difusão Europeia do Livro.

Bhaskar, Ray (1975). *A realist theory of Science* (2th ed). Brighton: Harvester.

Brassier, Ray (2007). *Nihil unbound: enlightenment and extinction*. New York: Palgrave MacMillan.

Brassier, Ray, Grant, Ian H., Harman, Graham, & Meillassoux, Quentin (2007). Speculative realism. *Collapse: Philosophical Research and Development, III*, 307-450.

Butler, Judith (2015). *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade* (8a ed). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Cevolo, Vicente A. G. L. (2016). As sombras vazias. *Revista da Faculdade de Direito do Sul de Minas*, 32(1), 405-416.

Cortázar, Julio (1986). *Bestiário*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Derrida, Jacques (2014). *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Belo Horizonte: UFMG.

Derrida, Jacques (2013a). *Esporas: os estilos de Nietzsche*. Rio de Janeiro: NAU.

Derrida, Jacques (2013b). *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva.

Derrida, Jacques (2005). *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras.

Derrida, Jacques (1992). *Points de suspension: entretiens*. Paris: Galilée.

Feynman, Richard P., Hibbs, Albert R., & Styer, Daniel F. (2010). *Quantum mechanics and path integrals: emended edition*. Mineola: Dover Publications.

Foucault, Michel (2005). *História da sexualidade 3: o cuidado de si* (8a ed). Rio de Janeiro: Graal.

Foucault, Michel (1999). *História da sexualidade I: a vontade de saber* (13a ed). Rio de Janeiro: Graal, 1999.

Foucault, Michel (1998). *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres* (8a ed). Rio de Janeiro: Graal.

Fraser, Nancy (1997). *Justice Interruptus: critical reflections on the "postsocialist" condition*. New York: Routledge.

Gödel, Kurt (1992). *On formally undecidable propositions of principia mathematica and related systems*. New York: Dover Publications.

Hamlin, Cynthia L. (2008). Ontologia e gênero: realismo crítico e o método das explicações contrastivas. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, 23(67), 71-81.

Haraway, Donna (2008). *When species meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Haraway, Donna (2009). Manifesto do ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In Donna Haraway, Hari Kunzru, & Tomaz Tadeu (Orgs.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano* (pp. 33-118). Belo Horizonte: Autêntica.

Hawking, Stephen & Mlodinow, Leonard (2011). *O grande projeto: novas respostas para as questões da vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Heidegger, Martin (2003). *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universitária São Francisco.

Hooks, Bell (2000). *Feminist theory: from margin to center*. London: Pluto Press.

Kant, Immanuel (2000). *Observações sobre o belo e o sublime*. São Paulo: Papyrus.

Kollontai, Alexandra (1977). *Selected writings*. London: Allison & Busby.

Latour, Bruno (2004). Se falássemos um pouco de política? *Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política*, 3(4), 11-40.

Latour, Bruno (1991). *Nous n'avons jamais été modernes. Essai d'anthropologie symétrique*. Paris: La Découverte.

Lemes de Souza, Ana P. (2018). *As tranças de Lilith: feminismo, direito e democracia*. Belo Horizonte: Letramento.

Louis, Pierre (2002). *Aristote, De La Génération des Animaux*. Paris: Les Belles Lettres.

Luhmann, Niklas (2006). *La sociedad de la sociedad*. Mexico: Herder e Universidad Iberoamericana.

Luhmann, Niklas (1988). Frauen, Männer und George Spencer Brown. *Zeitschrift für Soziologie*, 17(1), 47-71.

Macedo, Ana G. (2006). Pós-feminismo. *Estudos Feministas*, 14(3), 813-817.

Marras, Stelio (2018). Por uma antropologia do entre: reflexões sobre um novo e urgente descentramento do humano. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 69, 250-266.

Meillassoux, Quentin (2015). *Después de la finitud: Ensayo sobre la necesidad de la contingencia*. Buenos Aires: Caja Negra.

Meillassoux, Quentin (2014). *Time without becoming: edited by Anna Longo*. S.L.: Mimesis International.

Pateman, Carole (1993). *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Platão (1995). *O banquete; ou Do amor*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Popper, Karl R. (1975). *Conhecimento objetivo: uma abordagem evolucionária*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP.

Saffioti, Heleieth I. B. (2013). *A mulher na sociedade de classes. Mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular.

Saffioti, Heleieth I. B. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Stengers, Isabelle (2009). *Au temps des catastrophes: résister à la barbarie qui vient*. Paris: La Découverte.

Stengers, Isabelle (2005). The cosmopolitical proposal. In Bruno Latour & Peter Weibel (Eds.). *Making things public: atmospheres of democracy* (pp. 994-1004). Cambridge: MIT Press.

Stengers, Isabelle (2002). *A invenção das ciências modernas*. São Paulo: Editora 34.

Tarde, Gabriel (1999). *Monadologie et sociologie*. Paris: Les Empêcheurs de marcher en rond.

Viveiros de Castro, Eduardo (2018). *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Ubu/n-I edições.

## ESPECULAÇÕES FEMINISTAS

### Resumo

Este ensaio reflete sobre as possibilidades do feminismo nas viradas ontológicas e especulativas filosóficas, notadamente, no realismo especulativo de Quentin Meillassoux, que colocou em discussão o correlacionismo *kantiano*, entendido como a pressuposição recíproca entre pensamento e ser. A proposta é oferecer novas formas de compreender a questão da mulher, tendo em vista a clausura metafísica presente na filosofia, tanto no período pré-Kant, quanto pós-Kant. De um lado, a essencialização da mulher como imperfeita e, de outro, a essencialização do correlato. O trabalho propõe novo paradigma de reflexão sobre “ser mulher”, através da *cosmologia*, uma forma diferente de pensar sexo, gênero e sexualidade, que propicia a ascensão de outras grafias e modos de existência.

### Palavras-chave

Feminismo. Pós-correlacionalismo. Realismo especulativo.



## ESPECULACIONES FEMINISTAS

### Resumen

Este ensayo reflexiona sobre las posibilidades del feminismo en los giros filosóficos ontológicos y especulativos, en particular, en el realismo especulativo de Quentin Meillassoux, que pone en discusión el correlacionismo kantiano, entendido como el presupuesto recíproco entre el pensamiento y el ser. La propuesta es ofrecer nuevas formas de entender la cuestión de la mujer, a la vista del recinto metafísico presente en la filosofía, tanto pre como post-Kant. Por un lado, la esencialización de la mujer como imperfecta y, por otro, la esencialización del correlativo. El trabajo propone un nuevo paradigma de reflexión sobre el "ser mujer", a través de la cosmología, una forma diferente de pensar el sexo, el género y la sexualidad, que propicia el surgimiento de otras grafías y modos de existencia.

### Palabras clave

El feminismo. El post-correlacionismo. Realismo especulativo.

## FEMINIST SPECULATIONS

### Abstract

This essay reflects on the possibilities of feminism in the ontological and speculative philosophical turns, notably, in Quentin Meillassoux's speculative realism, which put into discussion the Kantian correlationalism, understood as the reciprocal presupposition between thought and being. The proposal is to offer new ways of understanding the question of woman, in view of the metaphysical enclosure present in philosophy, both in the pre-Kant and post-Kant periods. On the one hand, the essentialization of woman as imperfect and, on the other, the essentialization of the correlative. The paper proposes a new paradigm of reflection on "being a woman" through cosmontology, a different way of thinking about sex, gender and sexuality, which propitiates the rise of other spellings and modes of existence.

### Keywords

Feminism. Post-correlationalism. Speculative realism.

## CONTRIBUIÇÃO

### Ana Paula Lemes de Souza

A autora declara ser a única responsável por todas as fases envolvendo a elaboração desta contribuição.

## CONFLITOS DE INTERESSE

A autora declara não haver conflitos de interesse.

## PROCEDIMENTOS ÉTICOS

A autora declara que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

## AGRADECIMENTOS

-

## COMO CITAR

Souza, Ana P. L. (2022). Especulações feministas. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 9(24), 106-140.